

A FAMÍLIA RHAMNACEAE R. BR. NO RIO GRANDE DO SUL GÊNEROS *CONDALIA* CAV. E *SCUTIA* COMM. EX BRONGN.

Nelci Rolim Bastos*

ABSTRACT

This paper consists in studies of the Rhamnaceae R. Br. family in the state of Rio Grande do Sul, Brazil, *Condalia Cav.* and *Scutia Comm. ex Brongn.* genera.

The author presents identification key, descriptions of the genera and species, geographic distribution, illustration and commentaries.

RESUMO

Este trabalho consiste em estudos sobre a família Rhamnaceae R. Br. no Rio Grande do Sul, Brasil, gêneros *Condalia Cav.* e *Scutia Comm. ex Brongn.* .

A autora apresenta chave de identificação, descrição dos gêneros e espécies, distribuição geográfica, ilustrações e comentários.

INTRODUÇÃO

A família Rhamnaceae R. Br. é formada por 58 gêneros e cerca de 900 espécies distribuídas nas regiões temperadas, subtropicais e tropicais do mundo. No Brasil, entre nativos e cultivados, contamos 14 gêneros (BARROSO, 1984).

* — Bióloga e Pesquisadora do Instituto Anchietano de Pesquisas/UNISINOS. Endereço: Praça Tiradentes, 35, Caixa Postal 275, 93001, São Leopoldo, RS, Brasil.

Para o estado de Santa Catarina são conhecidos 10 gêneros e 13 espécies (JOHNSTON & FREITAS SOARES, 1972).

No Rio Grande do Sul ocorrem 9 gêneros e cerca de 10 espécies. São árvores, arbustos, subarbustos e lianas, armados ou inermes, encontrados em formações vegetais campestres e florestais (BASTOS, 1988).

Neste trabalho apresentamos o estudo sobre os gêneros *Condalia* Cav. e *Scutia* Comm. ex Brongn., ocorrentes neste Estado.

MATERIAL E MÉTODO

Ao realizar este estudo, utilizamos o material herborizado da família Rhamnaceae R. Br. procedente dos seguintes herbários do Rio Grande do Sul: Herbarium Anchieta (PACA), São Leopoldo; Herbário do Departamento de Botânica da UFRGS (ICN), Porto Alegre; Herbário Prof. Dr. Alarich R. H. Schultz (HAS), Porto Alegre; Herbário do Departamento de Botânica da Universidade Federal de Pelotas (PEL), Pelotas; Herbário do Departamento de Biologia da Universidade Federal de Santa Maria (SMDB), Santa Maria.

Os gêneros e espécies foram identificados através do método da observação comparada das exsicatas e da análise morfológica do material, para a qual, utilizamos estereoscópio binocular e bibliografia especializada.

Chave para identificação dos gêneros

1. Ramos espinescentes terminais, nervuras peninérveas e reticuladas, pétalas ausentes, drupa com um pirênio *Condalia* Cav.
- 1'. Ramos espinescentes axilares, não terminais ou inermes, nervuras broquidódromas, pétalas presentes, drupa com 2 a 3 pirênios . *Scutia* Comm. ex Brongn.

1. CONDALIA CAVANILLES

Cavanilles, Anal. Hist. Nat., Madrid 1:39, 1799. Nom. conserv., non *Condalia* Ruiz & Pavón, 1794.

Sinonímia:

Microrhamnus A. Gray, Pl. Wright. 1 Smithson. Contr. Knowl. 3 (5):33.1852.

Histórico do Gênero

O gênero *Condalia* foi descrito por Cavanilles em 1799, através do exame de exemplares de *C. microphylla* Cav. coletadas por Née, e que também serviram para descrever esta espécie (ESCALANTE **et alii**, 1971).

CANDOLLE (1825) cita *C. microphylla* Cav. e *C. paradoxa* Spreng., mas já questiona a validade desta última espécie para este gênero.

REISSEK (1861) estabelece duas espécies, *C. buxifolia* Reiss. e *C. infectoria* Reiss.. Porém, segundo JOHNSTON (1962), esta última não pertence à família Rhamnaceae, tratando-se do gênero *Schinus* L. da família Anacardiaceae.

ESCALANTE (1946) identifica três espécies de *Condalia* Cav. entre as Rhamnaceae argentinas e, mais tarde, juntamente com NAJERA & GALDEANO (1971), faz um estudo mais aprofundado sobre elas, revisando as espécies sul-americanas que ocorrem no território argentino, com base em dados morfológicos, químicos e cariológicos. Neste mesmo trabalho os autores excluem *C. megacarpa* Cast. deste gênero, transferindo-a para *Trevoa spinifer* (Clos) Escalante.

SUESSENGUTH (1953) divide a família Rhamnaceae R. Br. em 5 tribos nas quais estão distribuídos 58 gêneros. Entre eles *Condalia* Cav., incluído na tribo Zizypheae.

JOHNSTON (1962) revisa o gênero *Condalia* Cav. e relaciona 18 espécies e algumas variedades, distribuídas nas Américas do Norte, Sul e Central. Apresenta descrições das espécies e chave para identificação das mesmas, além de fazer comentários quanto às características morfológicas, afinidades de espécies e distribuição geográfica. Apresenta também uma lista de sinônimos e espécies excluídas do gênero.

JOHNSTON & FREITAS SOARES (1972) citam apenas *C. buxifolia* Reiss. como espécie ocorrente no estado de Santa Catarina.

TORTOSA & MEDAN (1979) reafirmam a validade do binômio *C. megacarpa* Castel., que havia sido excluído do gênero por ESCALANTE **et alii** (1971).

Descrição do Gênero

Arbustos e pequenas árvores com ramos fortes e numerosos e entrenós bastante curtos, ramos primários levemente arqueados e flexíveis; secundários terminando em espinhos e com vários e pequenos brotos ao

seu redor e, ramos terciários também espinescentes. Folhas alternas ou quase fasciculadas, inteiras, limbo elíptico-obovado, obovado, espatulado ou elíptico, raramente ovado ou oblongo. Venação penínérvea, margem inteira, estípulas pequenas, acuminadas ou subuladas. Flores pequenas, perfeitas, perígenas, solitárias ou em fascículos; receptáculo floral quase ou totalmente hemisférico, forrado por fino disco nectarífero, às vezes levemente espessado junto à margem. Cálice persistente, apoiando o fruto. Sépalas 5, deltóides, valvares no botão e caindo depois da ântese. Pétalas geralmente ausentes. Estames 5, alternissépalos, mais ou menos do mesmo tamanho das sépalas. Anteras introrsas, rimosas, dorsifixas, com duas tecas. Ovário súpero, globoso ou cônico, imerso no disco mas livre. Fruto drupáceo, prolato, pequeno, escuro, polpa fina ou espessa e endocarpo bilocular de paredes lenhosas com uma ou duas sementes.

Espécie tipo: *Condalia microphylla* Cav.

Descrição da Espécie Ocorrente no Rio Grande do Sul

Condalia buxifolia Reissek

Mart. Fl. Bras. 11(1):89, t. 24, f.5 & t. 28.1861.

Arbustos ou pequenas árvores de até 4 m de altura, casca do caule geralmente acinzentada ou castanha nos ramos jovens, fina, macia, escamosa, ramos primários fortes de até 50 cm de comprimento, delgados levemente arqueados e flexíveis, quase em zigue-zague, com entrenós de 1,0 a 2,0 cm distantes um do outro, ramos secundários de 1,2 a 10,5 cm de comprimento com vários e pequenos brotos, terminando em espinhos, ramos terciários com 1,0 a 9,0 cm de comprimento, glabros ou hispídeos quando jovens, com ponta espinescente. Folhas em fascículos de 1 a 7, dispostas nos pequenos brotos dos ramos ou alternas, estipuladas, limbo elíptico-obovado, às vezes elíptico, obovado ou espatulado, com sua maior largura próximo ao meio da folha, de 8 a 25 mm de comprimento e 5 a 10 mm de largura, ápice geralmente arredondado ou obtuso, levemente emarginado e normalmente com pequeno mucron; base cuneada ou acuminada, pecíolo curto, margem inteira, quando seca levemente revoluta, coreácea, face adaxial geralmente verde a marrom escuro, com pequenas e abundantes vesículas, levemente hispida próximo à base; face abaxial geralmente verde claro a castanho, glabra, nervura mediana proeminente, 4 a 7 pares de nervuras secundárias arque-

ando-se próximo e paralelo à margem e nervuras terciárias reticulares, escuras; pecíolo, com 1,0 a 4,0 mm de comprimento, castanho a esverdeado, levemente hispido na confluência com a base da folha. Estípulas triangulares, subuladas, persistentes, de castanho claro a marrom, com 1,0 a 1,5 mm de comprimento, levemente hispidas. Flores vernais solitárias ou dispostas em fascículos de 2 a 6 flores sobre os pequenos brotos dos ramos, pedicelo de 4,0 a 7,0 mm de comprimento, fino, em geral, levemente arqueado, castanho claro a escuro, glabro; receptáculo floral com cerca de 1,0 mm, mais escuro que as sépalas, glabro. Sépalas 5, com 1,5 a 2,0 mm de comprimento, triangulares, amareladas a castanhas, glabras. Pétalas ausentes. Disco nectarífero delgado, forrando a base do cálice. Estames 5, alternissépalos, mais ou menos do tamanho das sépalas, anteras dorsifixas, introrsas, rimosas. Ovário globoso, marrom, glabro, imerso no disco mas livre, estilete único, decíduo. Fruto prolatado, com um pirênio, polpa fina, com cerca de 3,0 mm de comprimento e 2,0 a 2,8 mm de largura quando imaturo, marrom, pedicelo com 8,0 a 10,0 mm de comprimento.

Figura: 1

Distribuição geográfica

O gênero *Condalia* Cav. possui cerca de 18 espécies distribuídas nas Américas do Norte, Central e Sul (JOHNSTON, 1962). Para este autor, as 5 espécies sul-americanas *Condalia microphylla*, *C. megacarpa*, *C. montana*, *C. buxifolia* e *C. weberbaueri* e, uma das Ilhas Ocidentais Holandesas, *C. henriquezii*, são bastante distintas das demais, as quais ocorrem principalmente no México.

No Brasil temos apenas uma espécie, *C. buxifolia* Reissek, que aparece do Sul do Rio de Janeiro até o sudoeste da Argentina (JOHNSTON & FREITAS SOARES, 1972).

No estado do Rio Grande do Sul, esta espécie é pouco freqüente, ocorrendo em regiões úmidas próximo ao litoral (Fig. 3).

Material examinado

RS: Tramandaí, Lagoa da Custódia, M. Sobral n° 665, 8.III.1981 (ICN).

Comentários

O nome do gênero é uma homenagem à Antônio Condal, médico espanhol, companheiro de viagem de Löffling (JOHNSTON & FREITAS SOARES, 1972). A espécie *C. buxifolia* Reiss., é conhecida vulgarmente como coronilha-folha-de-buxo, porém, não é muito popular, devido ao seu uso quase exclusivamente como lenha. A espécie argentina *C. microphylla* Cav., conhecida vulgarmente como piquillín, tem seus frutos comestíveis por raposas, além da utilização da lenha como combustível.

Segundo ESCALANTE *et alii* (1971) fica difícil identificar os exemplares argentinos de *C. buxifolia* Reiss., através da descrição de Reissek, que foi elaborada, baseada em exemplares brasileiros, pois as plantas daquele país, que pertencem a esta espécie, apresentam características intermediárias entre *C. montana* Castellanos e *C. microphylla* Cavanilles, ocorrentes na Argentina. Em última análise, o autor considera como diferença dos exemplares brasileiros sobre os argentinos a perda do aspecto xeromórfico, além de outras modificações, como o tamanho superior e a forma mais arredondada da folha.

MOLLE (1939) afirma que *C. buxifolia* Reiss. também pode ser caracterizada através do estudo da estrutura anatômica do lenho, diferenciando-a de *C. microphylla* Reiss. pela maior freqüência das células de parênquima, pela maior extensão abrangida pelas fibras lenhosas e também por possuir maior quantidade de cristais de oxalato de cálcio, nas células dos raios medulares, entre outras características analisadas pela autora.

JOHNSTON (1962) transferiu as espécies de *Microrhamnus* para *Condalia*, ao constatar grandes semelhanças e reconhecida proximidade entre elas. Também fez referência à afinidade de caracteres entre *Condaliopsis* e *Ziziphus*, os quais ao mesmo tempo, evidenciam suas diferenças contrastantes com *Condalia* Cav..

2. SCUTIA COMMERSON EX BRONGNIART

Comm. ex Brongn., Mém. Fam. Rhamn. in Ann. Sc. Nat. série 1, 10:362, pl. 15, f.l, 1827.

Sinonímia: *Ceanothus* Linn. Sect. I *Scutia* Comm. ex A.P. De Candolle, Prodr. 2:29, 1825.

Adolia Lam. Encycl. Meth. 1:144, 1783.

Blepetalon Rafin., Sylva Tellur:30, 1838.

Scypharia Miers, Ann. Mag. Nat. Hist. 3(5):8, 1860.

Histórico do Gênero

Originalmente, o gênero *Scutia* foi citado por LAMARCK (1783) como sendo *Adolia*. Mais tarde, CANDOLLE (1825) seguindo os manuscritos de Commerson, descreveu *Scutia* pela primeira vez, designando uma das secções do gênero *Ceanothus* Linnaeus.

Segundo VALENTE **et alii** (1972), BRONGNIART (1827) eleva a secção *Scutia* Comm. ex A.P. De Candolle à condição de gênero. Os autores, ainda fazem alusão ao trabalho de LANJOUW **et alii** (1966), onde consta que apesar da prioridade de *Adolia* sobre *Scutia*, esta última é que foi incluída na lista de Nomina Conservanda do Código Internacional de Nomenclatura Botânica.

REISSEK (1861) descreve para o gênero *Scutia* Comm. ex Brongn. duas espécies: *S. arenicola* Reiss e *S. buxifolia* Reiss..

ESCALANTE (1946) faz uma breve descrição do gênero, porém conservando a antiga nomenclatura proposta por Lamarck, *Adolia*. Inclusive cita uma espécie para o sul do Brasil, *Adolia buxifolia* (Reiss.) O. K..

MARZOCCA & MARTHI (1951) citam *Scutia buxifolia* Reiss como espécie nativa do sul do Brasil e da Argentina. Fazem também referências sobre a utilidade da planta e quanto à sua distribuição geográfica.

SUESSENGUTH (1953) inclui o gênero *Scutia* na tribo Rhamneae, juntamente com outros 23 gêneros.

JOHNSTON & FREITAS SOARES (1972) citam duas espécies, *S. buxifolia* Reiss. e *S. arenicola* (Casaretto) Reiss., para Santa Catarina, apresentando descrições, observações ecológicas, utilidades e aspectos da distribuição geográfica.

VALENTE **et alii** (1972) fazem um estudo taxonômico e anatômico da espécie *S. arenicola* (Casaretto) Reiss. ocorrente no antigo estado de Guanabara, atual Rio de Janeiro.

JOHNSTON (1974) revisa o gênero *Scutia* Comm. ex Brongn. onde cita cinco espécies, distribuídas em duas secções. Entre elas, uma espécie

nova, *S. colombiana* M.C. Johnston e uma nova combinação, *S. spicata* var. *pauciflora* (Hook. f.) M. C. Johnston. Apresenta uma chave para identificação, sinónimas, descrições, tipificações e distribuição geográfica das espécies.

Descrição do Gênero

Arbustos ou pequenas árvores, inermes ou armadas, raramente escandentes, geralmente ramosíssimas, glabras ou quase, ramos jovens angulosos, ramos e folhas opostos ou subopostos, quando espinescentes, axilares. Limbo da folha obovado a ovado-elíptico, ocorrendo variações, curto peciolada, coreácea ou cartácea, margem inteira ou levemente denteada, ápice geralmente obtuso ou arredondado e menos freqüentemente agudo, quase sempre emarginado e mucronado, base arredondada a cuneada, nervuras broquidódromas. Flores pentâmeras, perígina, pequenas e hermafroditas, em fascículos axilares, pedicelados ou sésseis, paucifloros ou com flores solitárias nas axilas das folhas. Receptáculo com profundidade equivalente a metade da largura, 4 a 5 sépalas, normalmente abertas ou quase. Pétalas profundamente obcordadas ou bilobadas, alternissépalas, cuculadas e unguiculadas. Disco nectarífero carnoso, inconspícuo, revestindo o cálice. Estames opositipétalos mais ou menos do tamanho das pétalas. Ovário bi-trilocular, um óvulo por lóculo, de ovado a globoso, estilete trilobado, curto, caducando rapidamente. Fruto drupáceo, ovado a globoso, glabro, castanho escuro a preto, quando maduro, bi ou tricoco, 2 a 3 sementes revestidas por endocarpo pétreo, sem poro ou fenda ventral evidente e imersas em polpa fina e suculenta, quando fruto maduro.

Espécie tipo: *S. indica* Brongn.

Descrição da Espécie Ocorrente no Rio Grande do Sul

Scutia buxifolia Reissek

Reissek, in Mart. Fl. Bras. 11(1):93, tab. 24, f.8 & tab. 30, f.2. 1861.

Sinonímia:

Scutia buxifolia var. (alfa) *obtusifolia* Reissek in Martius, loc. cit., 1861.

Scutia buxifolia var. (beta) *acutifolia* Reissek in Martius, loc. cit., 1861.

Adolia buxifolia (Reissek) O. Ktze., Rev. Gen. Pl. 1:117, 1891.

Scutia fiebrigii Perk., Engl. Bot. Jahrb. 45:464, 1911.

Rhamnus coronula Larrañaga, Escritos D. A. Larrañaga 2:94, 1923.

Arbustos ou pequenas árvores com muitos ramos geralmente acinzentados ou quando jovens castanhos ou esverdeados. Folhosos, floríferos, inermes ou armados e angulosos, quando primaveris; ramos transformados em espinhos, sem folhas, estéreis, finos mas fortes e laxos, quando estivais. Folhas medindo de 1,0 a 6,4 cm de comprimento e 0,6 a 2,5 cm de largura, inteiras, simples, elíptico-ovadas, elíptico-obovadas e menos freqüentemente ovada, obovada ou elíptica; ápice obtuso, arredondado e, menos freqüentemente agudo, quase sempre mucronado e emarginado; base cuneada ou arredondada, ramos e folhas opostos ou subopostos cruzados. Folhas glabras nas duas faces, lustrosas, coreáceas ou cartáceas, nervuras broquidódromas, com 3 a 10 nervuras em cada lado da principal. Nervuras secundárias e intermediárias pouco nítidas, margem lisa a levemente denteada com 3 a 27 pequenos dentes, às vezes, quase vestigiais, pecíolo curto de 0,5 a 2,5 mm de comprimento. Espinhos axilares, cônicos, retos, medindo de 0,5 a 5,5 cm de comprimento, ápice fino e escuro. Flores solitárias ou dispostas em fascículos axilares de 2 a 5 flores, pedicelo de 1,0 a 3,0 mm de comprimento, hermafroditas, pentâmeras, períginas, glabras, amarelo-esverdeadas. Receptáculo campanulado com profundidade equivalente à metade de sua largura. Sépalas 5, com 1,0 a 1,5 mm de comprimento, calosas no ápice. Pétalas 5, amareladas ou esbranquiçadas, unguiculadas, cuculadas, obcordadas ou profundamente invaginadas formando dois lóbulos. Androceu isostêmone, estames opositipétalos, alternissépalos, do tamanho das pétalas ou menores, filete plano, antera dorsifixa, bilocular, introrsa, rimosa, ovado-oblonga. Disco nectarífero não muito espesso, anelar, forrando o cálice, com depressão central onde se aloja o ovário, margem inteira e um pouco mais elevada. Ovário globoso ou quase, tricarpelar, trilobular, um óvulo por lóculo, estilete curto, 0,3 a 0,5 mm de comprimento, trilobado no ápice e rapidamente decíduo. Fruto drupáceo, 3,0 a 6,0 mm de comprimento e 3,0 a 5,5 mm de largura, castanho escuro a preto, quando maduro, obovado a globoso ou quase, glabro, tricoco, 3 sementes revestidas por endocarpo pétreo e envolvidas por fina polpa drupácea.

Figura 2

Distribuição geográfica

O gênero *Scutia* Comm. ex Brongn. é formado por aproximadamente 10 espécies, distribuídas pelo mundo (VALENTE **et alii**, 1972).

JOHNSTON (1974) faz referência a 5 espécies, sendo uma delas, *S. myrtina* (Burm. f.) Kurz., encontrada em áreas tropicais e sub-tropicais da África, sul da Índia e Indo-China. As demais, *S. colombiana* M.C. Johnston, *S. spicata* (H. & B. ex Schult.) Weberb., *S. buxifolia* Reiss. e *S. arenicola* (Casaretto) Reiss., estão distribuídas na América do Sul, desde a Colômbia até a Argentina.

No Brasil, as espécies ocorrentes são *S. buxifolia* Reiss., encontrada no Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul e *S. arenicola* (Casaretto) Reiss., ocorrendo desde o sul do Rio de Janeiro até Santa Catarina (JOHNSTON & FREITAS SOARES, 1972).

No Rio Grande do Sul, *S. buxifolia* Reiss. é a única espécie encontrada até o momento, sendo freqüente no interior de matas de araucária e de pequenos capões de matas campestres, podendo também estar à margem destes, isoladas no campo ou ainda, ao longo das matas ciliares e em margens de arroios e rios. Apesar de ser também encontrada em solos secos, é mais freqüente em solos muito úmidos sejam compactados ou paludosos.

Material examinado

RS: Lavras do Sul — 15 Km a NE, J.C. Lindeman & B.E. Irgang, 17.X.1971 (ICN 8734); Canela — Caracol, P. Pellizzaro, 27.XII.1972 (ICN 28496); Estrada de Canguçu p. Pinheiro Machado — 15 Km após Cancelão, S. Miotto n° 566, 9.X.1977 (ICN); São Francisco de Paula — Floresta Nacional, T. Garcia, II.1977 (ICN 32946); Pelotas — Cascata, Ir. Augusto, 26.I.1941 (ICN 18708); Livramento — Cerro Armour, B. Irgang, 26.III.1976 (ICN 32379); Esmeralda — Est. Ecol. Aracuri, J.A. Jarenkow n° 07, 28.III.1982 (ICN); Esmeralda — Est. Ecol. Aracuri, J.A. Jarenkow n° 45, 8.XI.1982 (ICN); Lavras do Sul — 12 Km W — Fazenda do Posto, J.C. Lindeman & B.E. Irgang, 16.X.1971 (ICN 8634); Encruzilhada do Sul — Km 7 estrada para São José, N. Martins, 27.VI.1975 (ICN 29276); Estrada de Encruzilhada e Canguçu — Coxilha da Boa Vista, N. Martins, 15.I.1974 (ICN 27189); Canela — Caracol, M.L. Porto et alii, 2.I.1973 (ICN 28498); Vila Oliva — S. Francisco de Paula, B. Rambo SJ n° 30830, 6.I.1946 (ICN); Esmeralda — Est. Ecol. Aracuri, J.L. Waechter n° 1853, 8.XI.1971 (ICN

51072); Canguçu — Piratini, L. Arzivenco, 15.XI.1975 (ICN 48564); Rio Grande — Est. Ecol. Taim, J.L. Waechter n° 2241, 8.XI.1986 (PEL 9611); Pelotas, J.C. Sacco n° 1144, 5.V.1959 (PEL 2628); Lavras do Sul — Faz. do Posto, J.C. Lindeman & B.E. Irgang, 16.X.1971 (HAS 1965); Lavras do Sul — Faz. do Posto, J.C. Lindeman & B.E. Irgang, 16.X.1971 (HAS 1962); Rio Grande — Est. Ecol. do Taim, J.L. Waechter n° 2241, 8.XI.1986 (HAS 22014); Lavras do Sul — 15 Km NE, J.C. Lindeman & B.E. Irgang, 17.X.1971 (HAS 3100); Santa Maria — Passo do Arenal, R. Beltrão, 9.I.1953 (SMDB 758); Santa Maria — Est. Exp. de Silvicultura, R. Beltrão, sine data, (SMDB 904); Bom Jesus, B. Rambo SJ, 15.I.1942, ster. (PACA 8824); Jari p. Tupanciretã, B. Rambo SJ, 26.I.1942, ster. (PACA 9361); Tupanciretã, B. Rambo SJ, 28.I.1942, ster. (PACA 9576); Faz. Santa Cecília p. São Gabriel, B. Rambo SJ, I.1944, ster. (PACA 25640); Faz. do Jarau p. Quaraí, B. Rambo SJ, I. 1945, ster. (PACA 26363); Faz. das Almas p. Palmares, P. Buck SJ, I.1945, fl. (PACA 26385); Vila Oliva p. Caxias, B. Rambo SJ, 31.I.1946, fl. (PACA 30830); Canela — Caracol, K. Emrich, 26.II.1946, fl. (PACA 33297); Faz. da Ronda p. Vacaria, B. Rambo SJ, 10.I.1947, ster. (PACA 35013); Cambará p. S. Francisco de Paula, B. Rambo SJ, II. 1948, fl. (PACA 36360); Ad. fl. Gravataí p. Porto Alegre, B. Rambo SJ, 11.XI.1949, fl. (PACA 44337); Sine loco, sine data, B. Rambo SJ, 14.I.1952, ster. (PACA 51832); Vila Oliva p. Caxias, B. Rambo SJ, 17.VII.1954, fl. (PACA 55862); Vacaquá — Mun. Rosário do Sul, L.S. Duarte, 9.X.1988, fl. (PACA 69625); Lavras do Sul — Faz. Aldo Abascal, A. Sehnem n° 11866, 11.II.1971 (PACA).

Comentários

O nome deste gênero tem origem no latim (*scutia* = bacia) e refere-se à forma de bacia, com que o cálice envolve o fruto, enquanto que o nome específico *S. buxifolia*, refere-se à semelhança das folhas ao buxo (JOHNSTON & FREITAS SOARES, 1972).

JOHNSTON (1974) comenta que as espécies de *Scutia* podem ser facilmente identificadas e diferenciadas dos demais gêneros e espécies, considerando este, um taxa de poucas dificuldades na identificação.

Este gênero é um dos mais representativos da família Rhamnaceae no Rio Grande do Sul, tendo a espécie *S. buxifolia* Reiss. grande ocorrência e uma ampla distribuição em todo o estado (Fig. 3). Além do Brasil, esta espécie também é encontrada na Bolívia, Argentina e Uruguai.

Segundo JOHNSTON (1974) esta espécie é muito semelhante a *S. colombiana* M.C. Johnston, diferindo desta pelas folhas menos largas e não acuminadas, além de os pecíolos e pedicelos de frutos serem mais curtos.

Vulgarmente esta espécie é conhecida como coronilha, coronilho, canela de espinho, coronillo, espinho-de-touro ou laranjeira-do-mato-da-serra. Segundo PIO CORRÊA (1931), fornece ótima madeira avermelhada ou violácea, bastante elástica e homogênea, além de apresentar acentuada resistência ao apodrecimento, apesar de rachar com facilidade, ao secar. É utilizada em qualquer obra exposta, desde que suas dimensões permitam, como no caso de esteios, marcenaria e torno. Fornece ótima lenha e carvão de alto poder calorífico. Da casca de *S. buxifolia* Reiss. obtém-se matéria tintorial da qual é feita uma tintura útil como tônico cardíaco.

Suas folhas são o alimento preferido da lagarta da grande mariposa *Morpho catenarius* Perry.

Através de pesquisas feitas por Richard Wasicky e Mariane Wasicky Joachimovits na Universidade de Santa Maria, RS, foi confirmado que esta espécie apresenta propriedades digitalóides, diuréticas e hipotensivas com efeito de alcalóide e uso como droga cardíaca (JOHNSTON & FREITAS SOARES, 1972).

BIBLIOGRAFIA

- BARROSO, G.M. **Sistemática de Angiospermas do Brasil**. Gráfica Univ. Fed. Viçosa, Minas Gerais, vol. 2, pp. 237-239. 1984.
- BASTOS, N.R. Estudos Preliminares da Família Rhamnaceae R. Br. no Rio Grande do Sul. **Pesquisas, Botânica** 39:41-48. 1988.
- CANDOLLE, A.P. DE Rhamnaceae in **Prodromus Systematis Naturalis Regni Vegetabilis** 2:19-42.1825.
- CORRÊA, M.P. **Dicionário das Plantas Úteis do Brasil e das Exóticas Cultivadas**, Minist. da Agricultura, Rio de Janeiro, vol. 2, pp. 410-411. 1931.
- ESCALANTE, M.G. Las Rhamnaceas Argentinas. **Boletín de la Sociedad Argentina de Botánica** 1(3):209-231. 1946.
- _____, NAJERA, M. & GALDEANO, H.L. Las Especies Argentinas del Género *Condalia* (Rhamnaceae). **Revista del Museo de La Plata (N.S.), Botánica** 11:153-184. 1971.

- JOHNSTON, M.C. Revision of *Condalia* including *Microrhamnus* (Rhamnaceae). **Brittonia** **14**(4):332-368. 1962.
- _____ Revision of *Scutia* (Rhamnaceae). **Bulletin of the Torrey Botanical Clube** **101** (2):64-72. 1974.
- _____ & FREITAS SOARES, M.A. de Rhamnáceas in Reitz, P.R., **Flora Ilustrada Catarinense** RAMN, pp. 1-50. 1972.
- LAMARCK, M. Botanique. **Encyclopédie Méthodique** **1**:44-45. 1783.
- MOLLE, C.C. Estructura Anatómica del Leño de las Rhamnáceas Argentinas del género *Condalia* (piquillines). **Physis**, **15**:409-420, f. 1-8. 1939.
- MARZOCCA, A. & MARTHI, C.E.M. Rhamnaceas. **Las Plantas Cultivadas en la República Argentina** **7**(120):3-48. 1951.
- REISSEK, S. Rhamnaceae in Martius, **Flora Brasiliensis** **11**(1):81-116, tab. 24 f.5, 7 e 8, tab. 28 e 30. 1861.
- SUESSENGUTH, K. Rhamnaceae in Engler und Prantl., **Die Natürlichen Pflanzenf. (2 Aufl.)** **20d**:7-173. 1953.
- TORTOSA, R.D. & MEDAN, D. Rehabilitacion de *Condalia megacarpa* (Rhamnaceae), **Kurtziana** **12-13**:83-99. 1979.
- VALENTE, M. da C., CARVALHO, L.D'A.F. de & VIANA, M.C. Flora do Estado da Guanabara — Rhamnaceae — II. Taxonomia e Anatomia de *Scutia arenicola* (Casaretto) Reiss., **Anais da Academia Brasileira de Ciências** **44**(1):99-117. 1972.

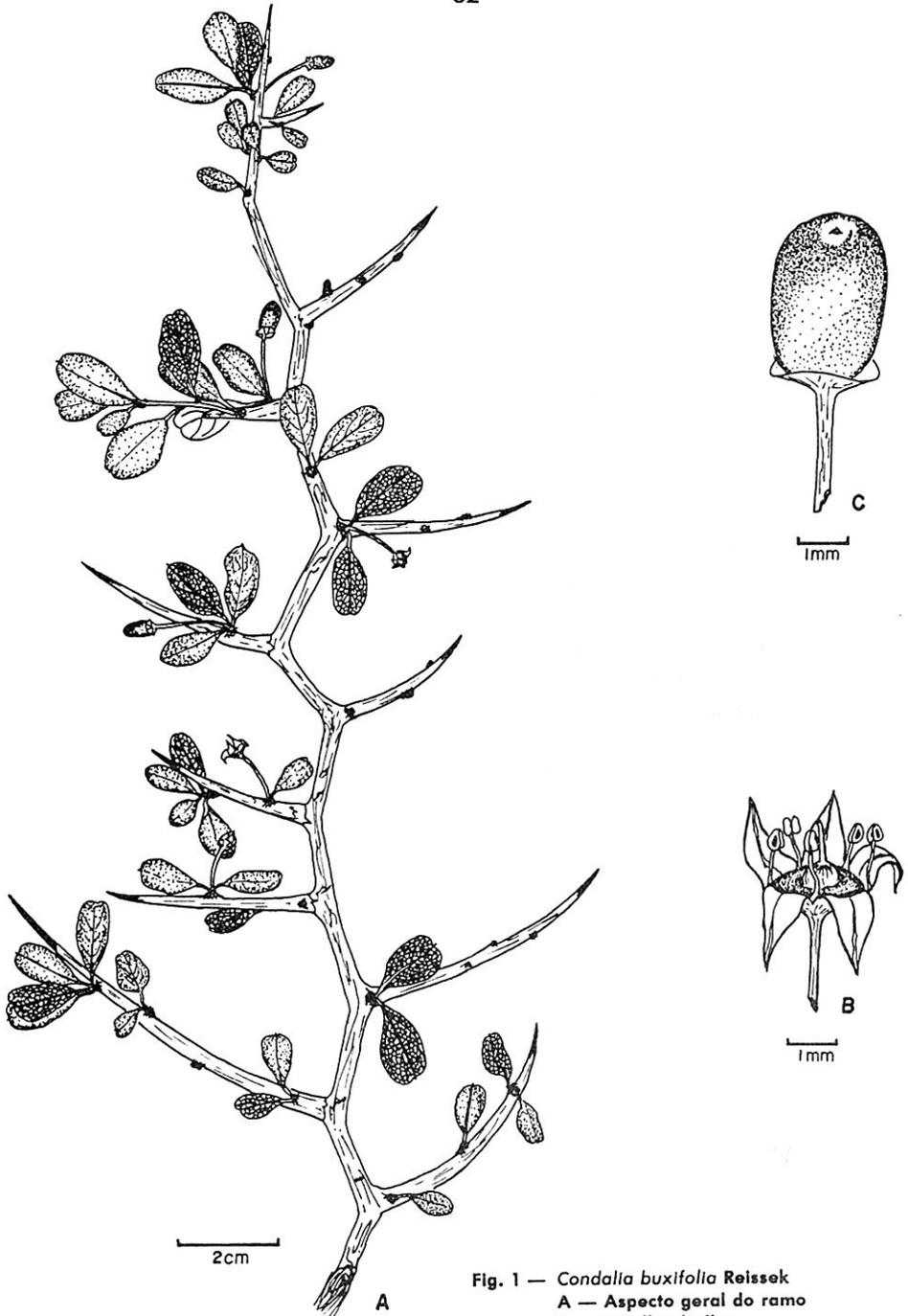


Fig. 1 — *Condalia buxifolia* Reissek
 A — Aspecto geral do ramo
 B — Detalhe da flor
 C — Detalhe do fruto

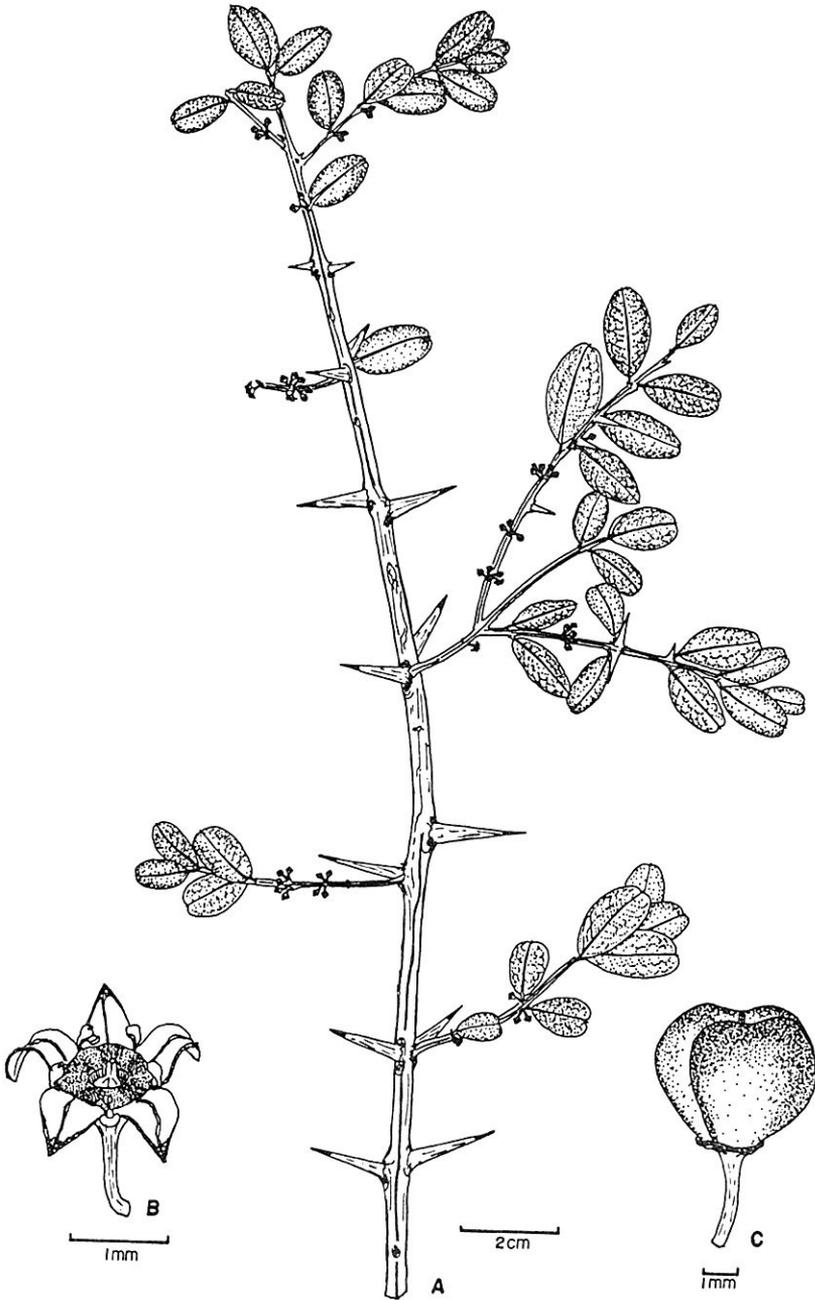


Fig. 2 — *Scutia buxifolia* Reissek
 A — Aspecto geral do ramo
 B — Detalhe da flor
 C — Detalhe do fruto



Fig. 3 — Distribuição geográfica
● — *Condalia buxifolia* Reissek
▲ — *Scutia buxifolia* Reissek